

1 TEATRO DA
TRINDADE
INATEL



**TELHADOS
DE VIDRO**

DE DAVID HARE ENCENAÇÃO MARCO MEDEIROS

Afinal, o amor não move montanhas.

Terá a nossa vida um guião?

Um caminho planeado onde desejamos alcançar a ilha da utopia?

Uma longa película de *frames* visualmente perfeitos, que avançam de mãos dadas com semicolcheias, fusas e semínimas?

O ser perfeito amado pela sua réplica, onde o erro apenas espreita, sem espaço de ação?

Assim seria o mundo. Monótono, tedioso. Um longo areal onde seguiríamos as pegadas por outros deixadas.

Felizmente, há um espaço onde a areia se funde, transformando-se num vidro fino, quebradiço, onde as pegadas se findam. Nessa fenda, habitam Tomás e Clara. Ambos cederam à tentação e permitiram que a culpa assombrasse o seu caminho. O adultério foi a estação terminal da sua viagem apaixonadamente sigilosa.

O insaturável desejo pela felicidade determinou a infelicidade de outros.

Agora, a lei da compensação reescreve as suas vidas, afastando-os da prosperidade de outrora.

A linguagem deste espetáculo assenta na dualidade de escolhas ou, se quisermos, entre o que planeámos para a nossa vida e aquilo que verdadeiramente acontece quando quebramos a regra que é visível para todos.

“Amor” é uma das palavras mais utilizadas ao longo das nossas vidas. Sem homónimas. E os sinónimos apenas andam lá perto. Mas nenhum atinge o seu epicentro. Amor é Amor. Amor é amar e talvez ser amado. Amor é o que sinto, mas isso não determina

que o outro sinta o mesmo. Este acontecimento dá uma tonalidade única ao amor, distanciando-o da perfeição, do tão esperado final feliz. Pode então, num final infeliz existir, igualmente, amor? A minha resposta é que pode.

Segue-se então uma nova questão: esse final passa automaticamente a ser feliz? Penso que não. “Amor” é uma emoção, “felicidade” é um estado. Um não depende do outro, mas a nossa natureza a isso os obriga. Estão, inconscientemente, ligados. A mesma Inconsciência provocada pelo Amor, que nos leva ao desespero, ao erro, à fatalidade.

Prefiro a saudável consciência da felicidade, a que lucidamente me informa que é impossível mover uma montanha e que não há estado ou emoção que o faça.

Poupo-me, assim, à humilhação e ao esforço inglório de tamanha utopia e continuo em busca de um final feliz, com a certeza de amar e a possibilidade de não ser amado.



Entrevista a Marco Medeiros

“ESTE ESPETÁCULO FALA DE DUAS FACES DO PODER”

Este texto chegou às suas mãos através de Diogo Infante, diretor artístico do Teatro da Trindade. Já conhecia a peça? Quais foram as suas primeiras impressões quando a leu?

Não conhecia. O Diogo convidou-me para voltarmos a trabalhar e, passado algum tempo, apareceu-me com a proposta deste texto. Quando o li, confesso que a minha primeira impressão não foi a melhor, porque a peça distanciava-se muito de um tipo de narrativa, de um tipo de texto com o qual me identifico mais para criar os espetáculos.

Por ser um texto muito naturalista?

Sim, muito naturalista, muito realista. É realismo puro e duro! E eu sinto-me sempre um bocadinho balizado e bloqueado, porque são informações tão reais, tão gráficas, que dificultam a criação dos meus universos paralelos, nos quais gosto de me encontrar e navegar. Mas eu tenho esta máxima: quando o Diogo nos propõe seja o que for, algo de bom virá! Acredito muito no seu bom gosto, na sua inteligência e na pertinência que tem ao escolher os textos. Por isso, forcei-me a uma segunda leitura e, aí sim, tudo começou a acontecer. Estive muito mais atento a todas as temáticas, a toda a informação que o autor David Hare disponibiliza nos diálogos. E, de repente, surgiu esta paixão pela sua escrita e que resultou neste espetáculo.

Este é um regresso ao Teatro da Trindade como encenador. Depois de *Ricardo III* e *O Diário de Anne*

***Frank*, considera que *Telhados de Vidro* também aborda o tema do poder, mesmo que numa perspetiva diferente?**

Sim e, na verdade, com perspetivas não muito diferentes. Falamos de um poder extremista, se assim quisermos, um abuso de poder, de uma só parte, de uma só facção. Por vezes, de um mau exercício do poder ou de um poder que abona apenas um partido. Em *Telhados de Vidro*, temos o debate desses dois ideais, desses duas opções políticas. Uma que governa, que lidera, pelo excesso ou abundância financeira. A outra, que se deixa liderar e governar, por ser uma facção mais operária. Uma delas está mais desfavorecida do que a outra e há uma grande desvantagem entre as duas. Nos outros espetáculos, esse mau exercício do poder levava, em última instância, à morte. Neste, não leva à morte imediata, mas a uma morte afetiva, emocional, estrutural. Mas sim, este espetáculo também fala de duas faces do poder.

Esta é uma história de amor, mas também uma exposição de um determinado contexto político e social. Como encenador, pretende desafiar e/ou provocar o público a refletir sobre o país, o mundo?

Cada vez mais! Aliás, acho que só comecei a encontrar-me enquanto criador e encenador quando me encontrei e revi nessa função de provocador, de gerador de opinião. Antes, era um jovem encenador a querer espicaçar-me a mim próprio, penso eu, com os estímulos mais visuais, mais sensoriais. Mais tarde,

tornei-me um bocadinho mais político nas minhas opções, com mais opinião sobre o mundo. Faz parte do nosso crescimento, da nossa maturidade. Neste momento, sou incapaz de criar algo sem que nessa criação esteja a minha visão sobre o mundo. E, nessa visão, tento dar sempre a minha opinião. Não obrigo o público a nada. O público não tem de sair do teatro com a minha opinião. Dou a minha opinião, mas tento encontrar a liberdade para a opinião do outro lado, para que, nesse equilíbrio, nesse medir forças, o público encontre a sua.

A peça foi escrita em 1995, mas podia ter sido hoje. Quase 30 anos depois, nada mudou? Mantêm-se as desigualdades?

Tudo mudou, mas parece que não. É estranho, porque ao ouvirmos o texto, a única coisa que podemos apontar que não faz sentido à data de hoje é que, a certa altura, uma personagem se refere às cartas que escreveu à outra. Mas, de facto, os temas são os mesmos e isso é assustador! O abuso de poder mantém-se. As dificuldades mantêm-se. A desigualdade é cada vez mais assente. Neste espetáculo, falamos também da questão da habitação. É o que estamos a viver agora, a crise no acesso à habitação. Ou seja, neste texto, todos os assuntos que nos dizem respeito, em que estamos diretamente envolvidos, estão aqui presentes e de uma forma muito inteligente. E mostramos as duas faces da opinião.

David Hare afirmou, numa entrevista, que é raro haver um espetáculo com uma mulher sempre em cena. Como encara esta, digamos, oportunidade?

É verdade! É engraçado que, já na escola de teatro, ouvia as minhas colegas dizerem: “Vocês nem sabem a sorte que têm, porque todos os textos

que trabalhamos aqui na escola são feitos para os homens.” E tinham razão! Parece que todos os textos são criados à volta do ser masculino. E é incrível quando encontramos um texto em que a atriz, ou a personagem feminina, está tão presente. Penso que estamos a mudar o panorama. Felizmente, há cada vez mais dramaturgia com um polo feminino visível. Assim espero e quero acreditar. Mas, de facto, o que o David Hare disse é verdade. E, em 1995, era ainda mais uma realidade. Se olharmos para a história da dramaturgia teatral, vamos perceber que, na balança, é para o lado masculino que pende mais. Temos de criar mais espaço para que a mulher tenha voz na sociedade, porque há muita matéria em que nós, homens, somos muito inferiores. Aliás, a mulher, o homem e outros géneros existem para criar equilíbrio numa sociedade. Não somos nada sem esse equilíbrio. E esse equilíbrio tem de ter lugar, de uma vez por todas.

As didascálias de um texto são, habitualmente, acessíveis apenas aos fazedores de teatro. Nesta encenação, podemos dizer que elas são, também, protagonistas?

Também são! Na nossa vida, temos um guião planeado. Porém, a natureza da nossa existência distancia-nos muito facilmente desse guião. As surpresas acontecem e deixamos de corresponder às didascálias, porque é impossível corresponder à perfeição, a um destino. Não estamos destinados a nada. Estamos destinados apenas ao que aquele minuto, no presente, nos deu. Não sabemos o futuro, portanto, desviamos a rota. Não acompanhamos o guião nem seguimos a didascália. Tal como acontece neste espetáculo.



SALA CARMEN DOLORES . 12 SET A 17 NOV . QUA A SÁB 21:00 DOM 16:30

TELHADOS DE VIDRO

No original *Skylight*, *Telhados de Vidro* é um intenso e provocador drama contemporâneo, sobre poder, política e paixão.

Estreou em 1995, no National Theatre, em Londres, tornando-se rapidamente numa das mais bem-sucedidas peças de David Hare, com sucessivas produções ao longo dos anos, nomeadamente na Broadway.

A história passa-se numa noite fria. A jovem professora Clara, que vive num modesto apartamento num subúrbio da capital, recebe a visita inesperada de Tomás, um carismático e bem-sucedido empresário, cuja mulher faleceu recentemente.

À medida que a noite avança, os dois tentam perceber porque é que o seu relacionamento, outrora apaixonado, terminou abruptamente. Clara e Tomás acabam por se envolver numa perigosa batalha de ideologias opostas e de desejos recíprocos.

De **David Hare**

Tradução **Ana Sampaio**

Encenação **Marco Medeiros**

Com **Benedita Pereira, Diogo Infante e Tomás Taborda**

Pianista **Jorge A. Silva**

Cenografia **Fernando Ribeiro**

Desenho de luz **Marco Medeiros**

Vídeo **Rafael Fonseca**

Assistência de encenação **Rebeca Duarte**

Direção de cena **Pedro Viegas**

Operação de luz **Pedro Gonçalves**

Operação de som e vídeo **Rui Santos**

Fotografia de cartaz e spot vídeo **Pedro Macedo - Framed Photos**

Fotografia de cena **Alípio Padilha e Márcio Pratas**

Produção **Teatro da Trindade INATEL**

M12

CONVERSA COM O PÚBLICO . 20 OUT . APÓS O ESPETÁCULO



©Márcio Pratas

TEATRO DA TRINDADE INATEL

Direção Artística **Diogo Infante** Direção Executiva **Hugo Paulito**

Secretariado da direção **Elisabete Duarte e Rita Martins** Tesouraria **Inês Figueiredo**

Produção **Andreia Rocha e Maria Cancela** Comunicação **Raquel Guimarães** (Coordenadora),
Adriano Filipe, Sónia Castro e Miguel de Jesus Pereira (Designer)

Núcleo de cena **Nuno Pereira** (Coordenador) Direção de cena **Pedro Viegas e Rosário Vale** Iluminação
Pedro Gonçalves Som **Rui Santos** Palco **Tiago Areia** Bilheteira **Beatriz Reis e Luísa Oliveira** Manutenção
geral **Vítor Albuquerque e Filipe Bastos** Técnicas de limpeza **Helena Gameiro** (Encarregada), **Elsa
Fernandes e Fernanda de Jesus** Portaria / Vigilância **Carla Aniceto e Protecção Total**



www.teatrotrindade.inatel.pt



PARCEIROS TEATRO DA TRINDADE INATEL

fonte viva

AMARFIO

teipark

APÓSPS

ePS



plural

TEATROS UNIDOS

TLSL

MEDIA PARTNERS

tvI m80

n12
2024

Fotografia de cartaz: ©Pedro Macedo - Framed Photos